

JANELAS: da passagem do tempo ao cotidiano compartilhado¹

Talitha Bueno Motter

Através de muitas janelas

Janela, derivada do latim *Januella*, o diminutivo de *Janua*, de porta de entrada, é, assim, uma pequena porta. E por esse formato reduzido, habitualmente, não está designada a travessia do corpo do homem, mas a de seu olhar, como coloca a artista Letícia Lampert,² “pois é da natureza da janela deixar que olhem através dela, é para isto que ela existe”.³ A janela é ainda recorte, enquadramento de uma vista, portanto é formadora de paisagens. Porque, assim como em uma pintura ilusionista (que também janela é), o que se vê não são as coisas isoladamente, “mas o elo entre elas, ou seja, uma paisagem”.⁴

E o que acontece quando a janela estiver fechada? E se a ela for composta por vidro enclafado? Nesse caso, a translucidez do vidro é perdida a ponto de não se poder mais definir bem o que está do outro lado ou de quem está de fora não poder ver com clareza o que existe no interior. E aqui, entre o opaco e o translúcido, percebe-se outro ponto importante: a janela possui duas faces, a que olha para dentro e a que olha para fora. Contam que do porteiro do céu, Jano, a pequena porta herdou essa característica.

Mesmo quando não se consegue tangenciar com precisão as formas do exterior, entretanto, pode-se perceber a formação de paisagens, aquelas pintadas pelo tempo. É o que mostra a série Escala de Cor do Tempo, na qual a artista, diante da janela de seu banheiro, registrou fotograficamente, durante o período de um ano, as cores dos dias. O enquadramento fixo da janela, que se tornou também o da câmera fotográfica, testemunhava o transcurso do tempo pelas variações de tonalidades, nunca iguais, vindas de fora. Novamente, há a relação com o deus romano, que, com suas duas faces, presenciava o passado e o futuro. Em Escala a face da frente é sempre um novo começo, um novo dia, um novo céu, mas a que se volta para trás fixa os instantes de cor a partir do registro atento da artista.

O conjunto de 144 fotografias obtidas, 12 para cada mês do ano, materializa-se em três trabalhos, sendo dois livros de artista, os quais apresentam as fotografias com a indicação da hora em que foram captadas, e uma instalação com a totalidade das imagens, *Escala de Cor do Tempo – Para o Ano que Passou*, permitindo montagens variadas.

Em seus trabalhos Letícia Lampert parte da fotografia como um “meio eficiente”,⁵ o qual lhe possibilita trazer de forma mais direta a visualidade das coisas. Além disso, como se pode perceber na série comentada, a fotografia permite inúmeras composições, alterações e inserções posteriores à captação da imagem. De acordo com a artista, “um dos maiores desafios de um projeto em fotografia é definir



Letícia Lampert, *des(construções) #1*, 2007, fotografia colagem digital, 98 x 92cm

como será sua apresentação. A fotografia, como meio, deixa a forma física do trabalho latente”.⁶ É o que define François Soulages⁷ a partir da noção de fotograficidade – que articula o irreversível, inerente à impossibilidade de se retornar ao instante do ato fotográfico, e o inacabável, que remete às possibilidades infinitas, e aqui sempre reversíveis, de manipulação do registro obtido. Se Escala é nitidamente demonstrativa da ordem do inacabável, também o é do irreversível. Pois a artista, ao fotografar sempre da mesma posição, repetindo as condições iniciais de enquadramento, deixa que o tempo se revele a partir de suas cores, demonstrando que a primeira foto nunca poderia ser repetida.

Da janela particular, íntima, de Letícia Lampert, parte-se para as muitas que enchem de olhos a cidade contemporânea. Em *(des)construções*,

esse elemento arquitetônico assume outros significados. São composições criadas a partir da colagem digital de fragmentos de casas e edifícios, que não desejam omitir as justaposições das fotos. As janelas e mesmo varandas, elementos que, repetidos no eixo vertical, indicam quantos níveis uma determinada construção possui, tornam-se, então, unidade de medida, além de possibilitar a compreensão de que esses (im)prováveis corpos arquitetônicos são possuidores de interioridade. Habitá-los também parece possível, pois, algumas vezes, seus moradores se revelam através dessas áreas de transição entre o público e o privado.

Tais construções referem-se conceitualmente ao modo fragmentado da cidade contemporânea, “cidade esta que não pode ser mais representada como algo visível e ordenado, mas fragmentado como uma montagem social”, conforme Gladys Neves da Silva.⁸ É no agregar de partes díspares, no compor descompondo que a cidade parece estar sendo permanentemente remodelada, fazendo com que as vistas das janelas sejam constantemente transformadas.

Cecília Meireles na crônica *A Casa* revela o amor entre ela e uma casa fechada de esquina. De suas altas varandas ficava observando: “E sobre ela pensei algumas vezes, deslizando como pequena mosca pelas suas vidraças insondáveis, aventurando-me como esbeltos gatos pelos ângulos do seu telhado, farejando o desenho secular e pueril de suas cornijas”.⁹ A autora conta sobre o seu amor pelas casas e, nesse interesse em apreender arquiteturas, remete à atitude de Letícia Lampert em percorrer ruas da cidade, retirando um pequeno pedaço de casas e edifícios que não são os seus, para depois os recompor poeticamente, como em *(des)construções* ou no projeto *Conhecidos de Vista*.

Conhecidos de Vista

O último trabalho a ser discutido é a instalação audiovisual *Conhecidos de Vista*, que traz as relações que ocorrem “entre muros de cimento”,¹⁰ possibilitadas pelas varandas e janelas dos edifícios. Em trajetórias errantes por ruas estreitas de Porto Alegre, a artista visitou cerca de 40 apartamentos para fotografar o interior de um cômodo e através da janela o fragmento da fachada do edifício em frente. Nessa circunstância de proximidade imposta pela construção de prédios com pouquíssima distância entre si, com fachadas que quase se encostam, abrir a janela é praticamente estar dentro da casa do outro.

Na instalação, que utiliza parte das imagens captadas no projeto homônimo, mostram-se sequencialmente, e de forma simultânea, imagens dos

interiores e da paisagem de cada janela, acompanhadas de um relato sobre os moradores que residem no prédio em frente ao apartamento fotografado. A fotografia do cômodo traz, a partir de seus objetos, do modo de dispô-los, das cores da parede, a forma de habitar daquele morador. E é a sua voz que relata, permitindo que se visite também o interior do edifício logo em frente, que se reflita sobre as relações possíveis nos interstícios da cidade. Quem conta é alguém autorizado a falar, o vizinho de frente, que já observa há mais tempo, por querer ou sem querer. No entanto, “quando a nossa vista é uma outra janela, passamos a ser, conseqüentemente e de forma simultânea, a vista de alguém”.¹¹

E o que está oculto tem o poder de aguçar a curiosidade; quer-se olhá-lo para entender. Na verdade,



Áudio: “Eu abro a janela de manhã e eu fico olhando se o vizinho já abriu a veneziana dele, se está iluminado, se ele já abriu as janelas ou só a porta da sacada... Isto me traz um conforto porque eu tenho uma relação com ele assim, só de ver, eu não sei nem quem é... É alguém que mora naquele edifício... Por que eu moro sozinha então eu tenho uma relação com ele assim, de olhar pela janela... Ele nem sabe que eu existo, eu imagino... Mas eu me relaciono com ele, a distância, de olhar... de namorar a janela dele e a sacada...”

Leticia Lampert, *Conhecidos de Vista*, 2013, instalação audiovisual, 14min, fragmento

parece que um pouco de cada um está escondido atrás das fachadas dos edifícios pelos quais cruzamos, apressados, no dia a dia. Mas, nesse correr-corre, nem sempre os transeuntes percebem o que existe por trás das muradas, como Cecília Meireles expressou, quando A Casa por ela enamorada tirou suas telhas e se mostrou internamente: “Lá embaixo, os transeuntes se moviam absolutamente cegos, com esses passos tontos que os homens têm, vistos de longe”,¹² e nada perceberam.

Vistas finais

Os trabalhos de Letícia Lampert aqui apresentados trazem múltiplos sentidos ao elemento arquitetônico janela. Além do mais, com essa propriedade de enquadrar uma determinada região do entorno, a janela guarda algum parentesco com a fotografia, já que “é uma dupla exposição, é um duplo enquadramento”.¹³ Portanto, a fotografia surge como um meio coerente para se observarem questões sobre janela. Em Escala, é a partir dela que tudo acontece, é ela que filtra a luz exterior, é ela que embaralha a paisagem externa, tornando-a apenas cor. Em (des)construções, torna-se elemento de medida e demonstra a habitabilidade das estruturas. Por último, a instalação audiovisual *Conhecidos de Vista* recupera o valor de observatório da janela do primeiro trabalho, elemento que dá a ver o cotidiano alheio, mas que também revela o interior de quem a possui. Enaltece, ainda, as relações possíveis entre janelas.

NOTAS

1 Todas as imagens aqui apresentadas foram gentilmente cedidas pela artista Letícia Lampert.

2 Letícia Lampert é formada em design – programação visual pela Ulbra, e em artes visuais – fotografia pela UFRGS. Concluiu mestrado em Poéticas Visuais

no PPGAV da UFRGS em 2013. No mesmo ano foi vencedora do Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger na categoria Trabalhos de Inovação e Experimentação e do III Prêmio Itamaraty de Arte Contemporânea.

3 Lampert, Letícia. *Conhecidos de Vista: A cidade revelada através de olhares, janelas e fotografias*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013: 13.

4 Cauquelin, Anne. A questão da pintura. In: _____. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007: 85.

5 Lampert, Letícia. Entrevista por videoconferência. 8 jan. 2014. Entrevista concedida a Talitha Bueno Motter.

6 Lampert, 2013, op. cit.: 99.

7 Soulages, François. O objeto fotográfico: a fotograficidade. In: _____. *Estética da fotografia: perda e permanência*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

8 Silva, Gladys Neves da. Collages arquitetônicas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 9, n.102.07, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/98>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

9 Meireles, Cecília. A Casa. *Letras e Arte: suplemento de A Manhã*, Rio de Janeiro, ano 2, n.46, 29 jun. 1947: 1 e 6. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2014.: p.1.

10 Meireles, op. cit.: p.1.

11 Lampert, 2013, op. cit.:11.

12 Meireles, op. cit.: 1.

13 Lampert, 2014, op. cit.

Talitha Bueno Motter é mestranda na linha de História e Crítica de Arte pelo PPGAV da UFRJ e é editora da revista digital *Arte ConTexto*. Desde 2011 dedica-se à crítica de arte, com textos voltados, principalmente, para a produção de jovens artistas.